



BJGH

Brazilian Journal
of Global Health

Revista Brasileira
de Saúde Global

Os lutos real e simbólico em tempos de pandemia da COVID-19 sob o olhar da psicanálise

Celso Venter Pereira¹, Karla Roberta Luna Sobral¹, Gerson Heidrich da Silva^{1*}

¹Curso de Psicologia da Universidade Santo Amaro (UNISA), São Paulo, Brasil

RESUMO

OBJETIVO

O presente estudo apresenta reflexões sob o ponto de vista psicanalítico acerca do luto real e simbólico no contexto da pandemia da COVID-19.

MÉTODOS

Realizou-se abordagem qualitativa de objetivo exploratório da literatura, atualizou-se o que os estudos psicanalíticos têm discutido sobre o fenômeno do luto neste período de pandemia.

RESULTADOS

As publicações ainda apresentam uma visão embrionária dos fatos e, apesar disso, foi-nos possível jogar luz às implicações psíquicas oriundas das ausências, principalmente a dos rituais funerários, dificultando o desinvestimento libidinal em determinado objeto, para que o ego possa buscar outros objetos de desejo.

CONCLUSÕES

A conclusão deste estudo aponta para a necessidades de mais pesquisas, considerando que as implicações de ordem psíquica serão percebidas e provavelmente esclarecidas daqui a alguns anos. No entanto, é possível antecipar que parte significativa da população diante das perdas e da impossibilidade de vivenciar o ritual de despedida, tem sido tomada pelo desalento. O risco está, então, na morte do desejo.

DESCRITORES

Luto, Psicanálise, Pandemia.

Corresponding author:

Gerson Heidrich da Silva.

Professor e Supervisor Clínico do Curso de Psicologia da Universidade Santo Amaro (UNISA). Rua Isabel Schmidt, 349

Santo Amaro - São Paulo, Brasil.

E-mail: gheidrich@prof.unisa.br

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-8510-7752>

Copyright: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons

Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided that the original author and source are credited.

DOI: <https://doi.org/10.56242/globalhealth;2021;2;5;33-36>

INTRODUÇÃO

A pandemia causada por conta do novo Coronavírus (COVID-19) tem provocado milhares de mortes no planeta, levando ao estado de luto sujeitos de todas as nações, independentemente do credo, das etnias, da classe social, do gênero, idade ou outro traço significativo de diferenciação. A morte se faz presente na forma de luto real para os indivíduos que perderam um familiar, amigo ou outro ente querido, e tiveram a sua própria dor reprimida proveniente do luto mal elaborado por conta das restrições impostas pela quarentena. Dessas restrições destacamos a impossibilidade de receber os abraços de pesar, o velório com tempo reduzido, o impedimento de realizar os ritos de despedida e os rituais fúnebres, a quantidade limitada de pessoas no funeral e até o isolamento por conta do distanciamento social.

Sob outra perspectiva, existe o luto de dimensão simbólica permeando o cotidiano dessa sociedade em isolamento, fruto da perda de liberdade, dos projetos adiados e/ou cancelados, do emprego perdido e tantos outros prejuízos. Com isso, o sentimento de angústia aflorou veementemente, deflagrando certa negatividade frente à perspectiva de alguma melhora diante de um quadro que parece perpetuar o estado de reclusão.

Ao analisarem o luto a partir do teórico Sigmund Freud, Cavalcanti, Samczuk e Bonfim¹ (2013) dizem que o indivíduo deve regressar à condição de acolhimento antes da perda, como forma de iniciar o desinvestimento libidinal naquele que era tido como objeto de desejo. Importante colocar que o conceito de luto para Freud vai além da relação com a morte, tratando-se também do enfrentamento do indivíduo com as perdas concretas, denominando o luto real, e com as perdas figuradas, denominando o luto patológico¹.

Diante da realidade vivida devido à pandemia causada pelo novo Coronavírus (COVID-19), faz-se necessário discutir as implicações desse fenômeno na vida dos sujeitos e na sociedade. Desse modo, este artigo se justifica porque propõe uma reflexão sobre o processo de elaboração dos lutos real e simbólico oriundos das perdas vivenciadas nos dias de hoje. Afinal, esses lutos vêm acentuando o sentimento de angústia e os traços depressivos, bem como o estado de melancolia.

Por meio da abordagem qualitativa de objetivo exploratório da literatura, atualizou-se o que os estudos psicanalíticos têm discutido sobre o fenômeno do luto neste período de pandemia. Há, neste sentido, uma tentativa de nomear algumas manifestações emocionais e suas implicações na saúde mental individual e coletiva, como forma de oportunizar o reconhecimento do sofrimento psíquico e possíveis atuações de enfrentamento desse sofrimento, combatendo, assim, certa inércia frente à pandemia.

MÉTODOS

O presente estudo trata-se de uma abordagem qualitativa de objetivo exploratório por meio da pesquisa bibliográfica acerca do tema luto, considerando o escopo teórico da psicanálise. As fontes escolhidas para realizar a pesquisa foram as bases de dados dos portais Scielo e Pepsic, utilizando-se critérios específicos para o levantamento dos dados analisados. Assim, duas pesquisas foram realizadas em cada portal: a primeira utilizando a filtragem por meio dos descritores luto e psicanálise, enquanto a segunda utilizou o recorte COVID-19 e luto. Como critérios excludentes, eliminou-se publicações repetidas e as que, por alguma razão, após leitura dos respectivos resumos, não contemplavam o objetivo deste estudo.

Foram utilizados apenas trabalhos compreendidos entre o período de 2015 a 2020, e que estivessem em português. Por fim, foi realizada uma leitura selecionando os artigos que, de fato, abordam de maneira pertinente o escopo daquilo que

este trabalho se propõe, assegurando a escolha teórica. Desse modo, foram descartadas as publicações que não trabalham o luto sob uma abordagem psicanalítica, considerando o contexto atual da COVID-19.

Na análise do material colhido, buscou-se conteúdos convergentes a partir do olhar dos autores estudados, como forma de atualização do que está sendo pensado, discutido e refletido sobre o fenômeno da pandemia da COVID-19. Além disso, buscou-se conhecer as possíveis implicações à saúde mental do indivíduo e da sociedade diante da realidade vivenciada.

RESULTADOS

Como resultado, dos trinta e três artigos encontrados, apenas oito atendiam a proposta deste trabalho. Utilizou-se também dois livros sobre o tema luto, bem como o trecho de um vídeo de Joel Birman apresentando importantes atualizações sobre o contexto pandêmico. Segue quadro demonstrativo do material utilizado para análise.

Quadro 1. Demonstrativo do material utilizado para análise deste estudo.

Base/ano	Tipo de publicação	Título original	Autores
Youtube, 2020	Vídeo	Painel: As marcas da pandemia COVID-19 na população serão permanentes?	Birman, Joel.
Scielo, 2020	Artigo	Efeitos da supressão de rituais fúnebres durante a pandemia de COVID-19 em familiares entulados.	Cardoso, Érika Arantes de Oliveira; Almeida, Breno César Almeida da; Santos, Jorge Henrique; Lotério, Lucas dos Santos; Accoroni, Aline Guerrieri; Santos, Manoel Antônio dos.
Scielo, 2020	Artigo	Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas.	Crepaldi, Maria Beatriz; Schmidt, Beatriz; Noal, Debora da Silva; Bolze, Simone Dill Azeredo; Gabarra, Leticia Macedo.
Imago, 1996	Livro	A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914- 1916).	Freud, Sigmund.
Martins Fontes, 2008	Livro	Sobre a morte e o morrer.	Kübler-Ross, Elisabeth.
Scielo, 2020	Artigo	Cuidados Psicoafetivos em Unidade Neonatal diante da Pandemia de COVID-19.	Morsch, Denise Streit; Custódio, Zaira Aparecida de Oliveira; Lamy, Zeni Carvalho.
Scielo, 2020	Artigo	Necropolítica da pandemia pela COVID-19 no Brasil: Quem pode morrer? Quem está morrendo? Quem já nasceu para ser deixado morrer?	Navarro, Joel Hirtz do Nascimento Navarro; Silveira, Mayara Ciciliotti da; Siqueira, Luziane de Assis Ruela; Andrade, Maria Angélica Carvalho.
Scielo, 2020	Artigo	Luto e não-violência em tempos de pandemia: precariedade, saúde mental e modos outros de viver.	Rente, Maria Angelica de Melo; Merhy, Emerson Elias.
Scielo, 2020	Artigo	Cuidado paliativo renal e a pandemia de COVID-19.	Santos, Cassia Gomes da Silveira; Tavares, Alze Pereira dos Santos; Tzanno-Martins, Carmen; Neto, José Barros; Misael da Silva, Ana Maria; Lotaif, Leda; Souza, Jonathan Vinícius Lourenço.
Scielo, 2020	Artigo	Saúde Mental e Intervenções Psicológicas diante da Pandemia do Novo Coronavírus.	Schmidt, Beatriz; Crepaldi, Maria Beatriz; Bolze, Simone Dill Azeredo; Neiva-Silva, Lucas; Demenech, Lauro Miranda.
Scielo, 2020	Artigo	Catástrofe, luto e esperança: o trabalho psicanalítico na pandemia de COVID-19.	Vertzman Julio; Romão-Dias, Daniela.

DISCUSSÃO

Freud² (1915) descreveu o luto como um processo suscitado pela perda do objeto amado, fazendo-se necessário um desinvestimento libidinal de todas as ligações com este objeto. Essa perda é caracterizada pela morte real de um ente querido, ou assume uma forma mais subjetiva como uma ideia, valor ou outra dimensão imaginária. O cerne do luto reside na oposição

de abandonar a posição libidinal, desviando-se da realidade e gerando um apego permeado de desejo em relação ao objeto. Segundo o autor, as pessoas não abandonam de forma fácil uma posição libidinal e isto gera um dispêndio muito grande de tempo e energia psíquica. Embora o luto tenha contornos patológicos, não deve ser encarado como uma doença, uma vez que é a forma natural de elaboração das perdas. O luto, a despeito de ser lento e doloroso, é superado após certo tempo, momento este em que o ego voltará a estar livre para realizar outros investimentos libidinais².

É razoável supor que um luto vivenciado no contexto pandêmico, por sua condição extraordinária, cause grande sofrimento ao indivíduo, seja pelas restrições que impedem o contato real com o ente falecido (caixões lacrados), ou a impossibilidade de ter contato e reunir familiares no velório e outras dificuldades associadas à impraticabilidade dos rituais fúnebres. Até porque, para este movimento de abandono da posição libidinal e desapego egóico, faz-se necessário vivenciar o ritual de despedida.

Sob a ótica psicanalítica, é possível inferir que o isolamento e a pandemia também afetam os lutos simbólicos. Nesse contexto, o sujeito tem de lidar com a perda da sua liberdade, da sua rotina, dos projetos a curto e médio prazos, do contato com as pessoas que lhe são importantes, das atividades sociais que proporcionavam prazer e até mesmo com a possibilidade de perder o emprego e/ou seu sustento. O problema, assim como no luto real, é que as posições libidinais não são abandonadas com facilidade.

Em relação à melancolia e o luto patológico sob a perspectiva freudiana na atual pandemia, recorreremos a fala de Joel Birman (2020), médico psiquiatra e psicanalista, em um vídeo intitulado “Painel: As marcas da pandemia COVID-19 na população serão permanentes?” que reúne profissionais para realizar uma discussão sobre as mudanças na sociedade e suas futuras marcas neste contexto.

Birman³ (2020) inicia sua digressão explicitando que o vírus representa um grande perigo para o psiquismo, por se tratar de uma patologia desconhecida, carecendo de protocolos eficazes de saúde, além de ser invisível graças a sua natureza. Portanto, uma ameaça que não conseguimos nomear. E aquilo que não é nomeado não pode ser antecipado, gerando a possibilidade de vivenciarmos um fenômeno de duas dimensões: desamparo e desalento. A primeira é explicada pela possibilidade de apelarmos para uma instância superior, quando a população pode contar com os seus governantes para mediar a situação pandêmica: ainda há alguma esperança. No desalento, não há para quem apelar, levando, como bem coloca Birman, à “hemorragia da angústia” ou posição desalentada.

Birman³ (2020) enxerga quadros que estão ocorrendo e que devem provocar marcas permanentes para a sociedade atual afetada pela pandemia. Dentre esses quadros estão os casos das pessoas que não estão infectadas, mas por carregarem sentimentos angustiantes (neurose de angústia) acabam tendo episódios de síndrome do pânico. Há, também, o aumento do número de indivíduos que desenvolverão um quadro hipocondríaco à ameaça invisível, do número de rituais obsessivos de limpeza, da violência doméstica e do feminicídio, além do aumento do uso de drogas lícitas e ilícitas. Aponta para o número assustador de mortos enterrados indignamente, sem a possibilidade dos rituais funerários, cujo efeito melancolizante ocasiona a precarização do luto eliciando o luto patológico, com o sentimento de culpa pela morte de um ente querido. Lembra da depressão, que potencializada pela alta taxa de desemprego, gera o esvaziamento libidinal que se converte na melancolia observada pelas altas taxas de suicídio.

Existe ainda outra reflexão associada às escolhas políticas que eventualmente o indivíduo possa julgar como tendo sido equivocadas, mesmo que de forma inconsciente, em vista da

condução da pandemia pelos atuais governantes. Escolhas estas que ficam expressas não só pela posição desalentada e sem esperança que provoca a melancolia, mas também por uma possível culpa que se traduziria ao luto patologizante, pois este indivíduo sente-se responsável não apenas pelo seu sofrimento, mas pelo sofrimento de todos à sua volta, já que é correto responsável pelos rumos políticos do país.

Assim como Rente e Merhy⁴ (2020), Cardoso, Silva, Santos, Lotério, Accoroni AG e Santos⁵ (2020) dizem que a pandemia da COVID-19 afetou as experiências de terminalidade e morte, bem como os ritos fúnebres. A impossibilidade de ritos de adeus ao corpo complica a realização psíquica da ausência da pessoa que não existe mais, pois a impressão que fica é a de que uma fase se iniciou, mas não se concluiu.

Morsch, Custodio e Lamy⁶ (2020) ratificam que quando as perdas não são devidamente significadas, o luto tende a tomar o contorno de um vazio existencial gerador de muito sofrimento psíquico e traumas que poderão despertar transtornos depressivos, ansiedade, estresse pós-traumático e luto patológico. Neste contexto desfavorável, percebe-se a construção de sugestões de intervenção mediadas pela utilização de tecnologias, com a finalidade de atenuar a angústia.

Segundo Crepaldi, Schmidt, Noal, Bolze e Gabarra⁷ (2020), mesmo não existindo perdas reais durante a pandemia, percebe-se que os sujeitos experimentam dor e sofrimento por respeito e compreensão a dor do outro. Assim sendo, entendem que as consequências psicológicas provocadas pela COVID-19 podem ser mais severas e duráveis do que a própria ação agressiva da enfermidade, denotando a importância de mediações psicológicas durante e após o período de duração da pandemia, pensando nas necessidades relativas aos processos de terminalidade, morte e luto.

Schmidt, Crepaldi, Bolze, Neiva-Silva e Demenech⁸ (2020) observam que o medo de ser infectado por um vírus eventualmente fatal, extremamente contagioso e com poucas informações de sua origem e desenvolvimento da doença, impacta diretamente o psiquismo do sujeito. Soma-se a isso sintomas de depressão, ansiedade e estresse na população geral, com grande prevalência nos profissionais da saúde. Nestes, o risco aumentado de contágio e morte, a sobrecarga profissional e emocional, a exposição exacerbada à morte em grande escala, juntamente à frustração de não a evitar, levam ao aumento desses sintomas.

Outro fator a se destacar foi o apresentado por Navarro, Silva, Siqueira e Andrade⁹ (2020). Propõem a reflexão de quais vidas estão sujeitas a morte pela COVID-19, enfocando a questão das desigualdades sociais pensando a biopolítica de Foucault, entendida como a autoridade que ordena as políticas da vida, ou seja, são estratégias que controlam quais pessoas devem viver e quais são insignificantes. Essa pandemia faz pensar na vulnerabilidade e na existência de uma população que também precisa ser reconhecida e respeitada em suas emergências.

Inegavelmente, há lutos a serem elaborados. Neste sentido, Kübler-Ross¹⁰ fala em cinco estágios. No primeiro, “negação e isolamento”, explica que diante da morte iminente, a maioria dos pacientes reagem com indignação, negando essa possibilidade. Podemos aqui fazer uma correlação com os sujeitos que negam a gravidade da pandemia, colocando em risco não apenas a sua saúde, mas também a de seus familiares e a da sociedade como um todo.

O segundo estágio do luto, a “raiva”, acontece quando o paciente não consegue permanecer no estágio de negação, trocando por sentimentos negativos que se traduzem em uma questão: “Por que eu?”. Então o sujeito ataca todos a sua volta, sem nenhum motivo aparente¹⁰. É possível fazer um paralelo com o luto da pandemia, despertando o sentimento de raiva quando muitos indivíduos não respeitam as condições e regras mínimas de isolamento social.

A barganha é o terceiro estágio, quando o sujeito procura agir com mais cautela, principalmente em relação à ajuda divina, ao fazer promessas¹⁰. Parece então natural que a barganha faça parte do processo de luto que vivenciamos atualmente por conta da COVID-19, uma vez que os sujeitos recorrem ao auxílio divino em momentos de desespero, no intuito de conseguir se redimir diante de uma situação de caos. Este fenômeno fica ainda mais evidenciado quando as autoridades, a despeito das restrições impostas para todos os serviços que não são considerados essenciais, liberam atividades religiosas sob a alegação de que essas práticas são essenciais para a população, apesar das aglomerações que poderão contribuir ativamente para piorar a situação geral da pandemia.

A depressão, quarto estágio, acontece quando o sujeito é tomado por uma grande sensação de perda. Não há mais como negar. Já o quinto e último estágio do luto, a “aceitação”, permite ao paciente exteriorizar os seus sentimentos e revelar a sua inveja pela saúde alheia¹⁰.

Frente a tantas incertezas e necessidades de elaborações, Verztman e Romão-Dias¹¹ (2020) dizem que a pandemia nos coloca perante a quatro angústias de morte: física, social, psíquica e coletiva. Todos nós sofremos alguma perda, o que torna fundamental, aqui também considerando Santos, Tavares, Tzanno-Martins, Neto, Silva e Lotaf¹² (2020), referindo-se aos cuidados, o acolhimento por parte dos profissionais da saúde à família enlutada, lembrando que estes também precisam ser acolhidos.

É razoável supor, portanto, que todo processo que desperta insegurança quando vivenciado no âmbito psíquico por ser desconhecido, é também um processo que causa grande angústia. Aqui cabe lembrarmos da nomeação dada por Birman³ (2020) como “hemorragia da angústia”, culminando em um efeito melancolizante sobre o indivíduo, incluindo o profissional psicólogo. Haverá, certamente, um preço a ser pago.

CONCLUSÃO

O processo de luto exige um trabalho de ordem psíquica. O desinvestimento libidinal no objeto perdido é o que permitirá o reinvestimento dessa libido em outro objeto de desejo. Neste sentido, é fundamental vivenciar o processo de elaboração de luto das ordens do real e do simbólico, buscando lidar com as perdas de forma mais saudável diante das incertezas inerentes da ameaça invisível: o vírus.

Na pandemia da Covid-19, a população tem vivido as incertezas econômicas, a perda da liberdade, o distanciamento físico que prejudica os afetos e toda a questão dos rituais fúnebres interrompidos: os caixões lacrados, a impossibilidade de realização dos funerais, além do agrupamento familiar na busca por conforto. No desencadear de sofrimento psíquico, a melancolia foi elencada nos trabalhos apresentados, sendo constantemente associada ao cenário caótico em virtude do excesso de angústias que se apresentam neste momento. Os profissionais da saúde precisam lidar com a morte diariamente, principalmente a real, mas também os lutos de ordem simbólica como o afastamento da família, o medo do contágio e de contagiar os entes queridos, a perda do *setting*, especialmente no caso dos profissionais da psicologia, as incertezas do futuro e todo o desgaste associado a este processo.

Real ou simbólico, o irreparável seria (e há o risco de ser) a população ou grande parte dela ser contagiada pelo desalento, imprimindo no sujeito a marca do não ser, o que levaria à morte do desejo. Afinal, na ausência de rituais a vida se esgarça.

REFERÊNCIAS

1. Cavalcanti AKS, Samczuk ML, Bonfim TE. O Conceito Psicanalítico do Luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. *Psicol inf.* [Internet]. 2013 [Acesso 15 aug. 2020];v.17, n.17, p.87-105. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092013000200007&lng=pt&nrm=iso
2. Freud S. Luto e Melancolia (1917 [1915]). In: _____. *A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago; 1996. p. 245-263.
3. TV Abrasco. Home [YouTube Canal]. [2020]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qaVwFLDbsHQ&t=778s>
4. Rente MAM; Merhy EE. Luto e não-violência em tempos de pandemia: precariedade, saúde mental e modos outros de viver. *Psicol. Soc.* 2020 Sept;32:e020007. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240329>
5. Cardoso EAO, Silva BCA, Santos JH, Lotério LS, Accoroni AG, Santos MA. Efeitos da supressão de rituais fúnebres durante a pandemia de COVID-19 em familiares enlutados. *Rev. Latino-Am. Enfermagem.* 2020 Feb;28:e3361. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.4519.3361>
6. Morsch DS; Custodio ZAO; Lamy ZC. Cuidados Psicoafetivos em Unidade Neonatal diante da Pandemia de COVID-19. *Rev. paul. pediatr.* 2020 May;38:e2020119. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2020/38/2020119>
7. Crepaldi MA, Schmidt B, Noal DS, Bolze SDA, Gabarra LM. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Estud. psicol. (Campinas)*. 2020 Jun;37:e200090. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>
8. Schmidt B, Crepaldi MA, Bolze SDA, Neiva-Silva L, Demenech LM. Saúde Mental e Intervenções Psicológicas diante da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19). *SciELO.br*. 2020 Apr. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>
9. Navarro JHN, Silva MC, Siqueira LAR, Andrade MAC. Necropolítica da pandemia pela Covid-19 no Brasil: quem pode morrer? quem está morrendo? quem já nasceu para ser deixado morrer? [Internet]. 2020 [Acesso 10 oct 2020]. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/901/1262>
10. Kübler-Ross E. *Sobre a Morte e o Morrer*. Tradução: Paulo Menezes. 9ª. ed. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes; 2008.
11. Verztman J, Romão-Dias D. Catástrofe, luto e esperança: o trabalho psicanalítico na pandemia de COVID-19. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* 2020 June;23(2):269-290. doi: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n2p269.7>
12. Santos CGS, Tavares APS, Tzanno-Martins C, Neto JB, Silva AMM, Lotaf L. Cuidado paliativo renal e a pandemia de Covid-19. *J. Bras. Nephrol.* 2020 Aug;42(2,supl.1):44-46. doi: <https://doi.org/10.1590/2175-8239-JBN-2020-S111>